

“LA LENGUA DE LAS MARIPOSAS”: IMUNIZAÇÃO, VIOLÊNCIA E MEDO NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Isabella Borges Gregório (PIBIC-CNPq/ILEEL/UFU)

isaabg@gmail.com

RESUMO: O conto “La lengua de las mariposas”, que compõe o livro *Qué me quieres, amor*, do escritor espanhol Manuel Rivas, narra a relação de um menino com seu primeiro professor – um republicano – na transição entre a Segunda República Espanhola e o golpe que instaurou a Guerra Civil Espanhola. O presente estudo propõe uma análise do conto à luz do conceito de *Imunização*, do filósofo italiano Roberto Esposito, para refletir sobre mecanismos de poder que estimulam a violência e o medo entre os cidadãos, por meio da normalização de condutas, a fim de impedir vínculos comunitários e, assim, instalar-se facilmente nas microesferas da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Civil Espanhola; imunização; medo; domesticação.

Para o presente artigo, analisou-se a obra *¿Qué me quieres, amor?* do escritor galegoespanhol Manuel Rivas, romancista, contista, poeta, jornalista e ensaísta, nascido em 1957, em La Corunha. Essa obra foi publicada em 1995 e ganhou o Prémio Nacional de Narrativa e o Prémio Torrente Ballester de Narrativa em 1996. Para essa ocasião, apresenta-se uma análise e reflexão de um dos contos que compõem o livro – “La lengua de las mariposas” – sobre as estratégias de *Imunização* de saberes que visam domesticar o indivíduo e impedir vínculos comunitários. Além disso, pretendemos discutir sobre o conceito de *Comunidade* do filósofo Roberto Esposito, quem contesta o significado que o senso comum dá a tal termo e apresenta uma proposta política por meio de uma análise linguística do real valor do substantivo em questão.

No conto selecionado, apresenta-se uma sociedade que vive a tensão entre a passagem violenta do primeiro período democrático da Espanha, a Segunda República, para a Guerra Civil e a ditadura franquista. Retrata-se o contexto histórico por meio da relação entre o personagem narrador, o menino Moncho, também conhecido pelo apelido Pardal, e seu primeiro professor, o republicano Don Gregorio. Além dos períodos históricos citados, menciona-se também a ditadura de Primo de Rivera, anterior à Segunda República, por meio da experiência escolar do pai de Moncho. Como a geração do patriarca tinha vivido sob o controle da ditadura, era proibida de expor suas opiniões ou de demonstrar simpatia pelos valores democráticos, uma estratégia política típica das ditaduras, as quais impedem o convívio comunitário ao vigiar o espaço público e recriminar qualquer troca de experiências e pensamentos entre os cidadãos. Quando, aos

seis anos, Pardal vai pela primeira vez à escola, apresenta-se uma comparação entre a concepção de Educação da Segunda República e a da época de seu pai, que é a da ditadura de Primo de Rivera. O pai de Pardal sempre relata histórias sobre a escola de antigamente, na qual os professores castigavam os alunos: “Cuando era pequeñajo, la escuela era una amenaza terrible. Una palabra que se blandía en el aire como una vara de mimbre. «¡Ya verás cuando vayas a la escuela!».” (RIVAS, 2011, p. 24).

Durante a ditadura, a sociedade espanhola passou por situações precárias como a pouca atuação do governo em políticas públicas para a educação. Nas escolas, meninos e meninas não podiam estudar juntos. Além disso, crianças de famílias menos favorecidas não tinham direito de completar seus estudos. Nos povoados do interior do país, as crianças encontravam-se em situação de desnutrição, analfabetismo e com graves problemas como uma assombrosa praga de piolhos. Nas escolas, o autoritarismo e o castigo eram práticas frequentes, o que se pode ver representado na fala do pai de Moncho já citada. Portanto, observamos que, ao relatar suas experiências, o pai de Moncho transfere todo o medo para seu filho, o medo de uma escola que tinha como marca um ensino autoritário, que castigava os alunos e não os deixava desenvolverem autonomia e senso crítico. Além disso, outro problema grave por que passaram as sociedades espanholas nos períodos de ditadura foi o preconceito linguístico sofrido pelas comunidades autônomas cuja primeira língua não era o Espanhol. Sabe-se que Catalunha, País Basco e Galícia foram terminantemente proibidas de usar o catalão, o eusquera e o galego. O fragmento a seguir mostra o sofrimento pelo qual passavam as crianças galegas nas escolas pela proibição de usarem suas línguas maternas:

Mi padre contaba como un tormento, como si le arrancaran las amígdalas con la mano, la forma en que el maestro les arrancaba la jeda del habla, para que no dijese *ajua* ni *jato* ni *jracias*. «Todas las mañanas teníamos que decir la frase *Los pájaros de Guadalajara tienen la garganta llena de trigo*. ¡Muchos palos nos llevamos por culpa de *Juadalagara*»². (RIVAS, 2011, p. 24- 25).

Após relatar a experiência do pai, Moncho demonstra como essa imagem da escola o amendontrava: “Si de verdad quería meter miedo, lo conseguí. La noche de la

¹ Quando era pequenino, a escola era uma ameaça terrível. Uma palavra que se brandia no ar como uma vara de marmelo: «Você vai ver quando for à escola!»

² Meu pai me contava como um tormento, como se lhe arrancassem as amígdalas com a mão, a forma pela qual o professor lhes arrancava o excesso de jotas na fala, para que não dissessem *ajua* nem *jato* nem *jracias*. «Todas as manhãs tínhamos que dizer a frase *Los pájaros de Guadalajara tienen la garganta llena de trigo*. Levamos muitos tapas por culpa de *Juadalagara*».

víspera no dormí.³” (RIVAS, 2011, p. 24-25). Por isso, Pardal tem medo e, no seu primeiro dia de aula, urina diante dos colegas em plena sala, porém ele volta no dia seguinte e começa a aprender coisas novas, fato que dissipa a imagem terrível que ele tinha da escola e dos professores, a qual decorria da experiência de seu pai. A didática e a maneira de ser do professor republicano são fundamentais para a mudança na relação de Moncho com a escola. Don Gregorio mostra-se humilde e solidário quando, por exemplo, convida o menino para acompanhar a aula, sentado a seu lado. Com isto, fica perceptível que Don Gregorio não compactua com o modelo de educação no qual o pai de Pardal foi aluno, pois o autoritarismo e o castigo estão distantes de sua prática docente. Algumas passagens o comprovam: “Pero lo más increíble fue cuando, en medio de un silencio absoluto, me llevó de la mano hacia su mesa y me sentó en su silla.⁴” (RIVAS, 2011, p. 28) “No, el maestro don Gregorio no pegaba. Al contrario, casi siempre sonreía con su cara de sapo.⁵” (RIVAS, 2011, p. 31).

A Segunda República foi um curto período entre a ditadura de Primo de Rivera e a

Guerra Civil Espanhola que trouxe várias propostas de reforma global do sistema educativo com a construção de novas escolas e dignificação do maestro com o aumento dos salários. Além disso, tratou-se de uma política que prestigiava a democracia e a modernidade, a liberdade, a educação e o progresso, a igualdade e os direitos universais para todos os cidadãos. Com os republicanos, a escola pública passa a ser obrigatória e mista, e o ensino torna-se inspirador. De todas as reformas conduzidas pelos republicanos a partir de 1931, a da Educação foi a maior de todas. Com isto, a escola que recebe Moncho está longe de ser o modelo no qual o seu pai havia sido educado, no qual o autoritarismo e o castigo estavam presentes. Moncho se depara com um modelo que valoriza a criança e o seu saber e que quer desenvolver cidadãos com senso crítico, autonomia e criatividade.

O professor Don Gregorio se revela um fascinante educador que ensina seus alunos curiosidades sobre a vida que contestam a concepção de escola que imperava antigamente. Além disso, ele também ensina seus alunos que a liberdade, a individualidade, o imaginário e o pensamento crítico são valores que todos os homens

³ Se era verdade que queria me fazer medo, ele conseguiu. Na noite da véspera, não dormi.

⁴ Mas o mais incrível foi quando, em meio a um silêncio absoluto, me levou pelas mãos até sua mesa e me sentou em sua cadeira.

⁵ Não, o professor don Gregorio não batia. Ao contrário, quase sempre sorria com sua cara de sapo.

devem ter e seguir. Moncho, com o passar do tempo, descobre a beleza e a mágica da poesia, o fascínio da história e a beleza que a natureza tem, com isto a amizade entre o professor e o aluno cresce e Don Gregorio ganha o respeito dos pais de Moncho. Porém, em 18 de julho acontece a rebelião e os fascistas tomam conta das ruas e prendem alguns republicanos. Dias depois, a população se aglomera para ver as pessoas que foram presas pelos fascistas e, entre elas, está Don Gregorio, que por sua postura política era visto e considerado, durante a guerra, como ameaça para os fascistas, por ter a intenção de formar jovens com liberdade de expressão, pensamento crítico e criatividade para que tivessem condições de escapar das estratégias de imunização dos saberes e controle do imaginário, prática típica de regimes fascistas.

O fato de a sociedade se deixar levar pela repressão fez com que as estratégias de imunização se tornassem mais fortes. A violência dos fascistas se apresenta como uma ameaça real à vida dos cidadãos simpatizantes dos republicanos, fato que faz com que muitos deles se desesperem e queimem livros, jornais e outras provas de seu alinhamento ideológico. Na família de Moncho, a mãe desempenha esse papel de dissimulação: “Hay que quemar las cosas que te comprometan, Ramón. Los periódicos, los libros. Todo.”⁶ (RIVAS, 2011, p. 36).

Além disso, vemos que a ditadura acaba por romper os laços sociais, pois a população sentia tanto medo de sofrer represália, que dissimulava não conhecer os próprios vizinhos: “Pero en la Alameda no había el bullicio de las ferias, sino un silencio grave, de Semana Santa. La gente no se saludaba. Ni siquiera parecían reconocerse los unos a los otros.”⁷ (RIVAS, 2011, p. 37).

A sociedade passa a alimentar o medo de manifestar suas opiniões, sendo coagida, pelos militares, a insultar os presos, mesmo conhecendo a maioria deles. Um exemplo é a família de Moncho que, apesar de conhecer Don Gregorio e sentir simpatia pelo professor, é obrigada a também insultá-lo e fingir que não o conhece, já que este se encontrava junto com os presos e era um republicano declarado.

[Mi madre] me dijo con voz muy grave: “Recuerda esto, Moncho. Papá no era republicano. Papá no era amigo del alcalde. Papá no hablaba mal de los curas. Y otra cosa muy importante, Moncho. Papá no le regaló un traje al maestro.” “Sí que se lo regaló”. “No, Moncho. No se lo regaló.

⁶ É preciso queimar as coisas que possam te comprometer, Ramón. Os jornais, os livros. Tudo.

⁷ Porém, na Alameda não havia o bulício das feiras, mas um silêncio grave, de Semana Santa. As pessoas não se cumprimentavam. Nem sequer pareciam reconhecer-se uns aos outros.

¿Has entendido bien? ¡No se lo regaló!” “No, mamá, no se lo regaló”⁸. (RIVAS, 2011, p. 37).

Roberto Esposito explica que o processo de modernidade pelo qual passou a civilização ocidental modificou a concepção original do termo *comunidad*e para impor seu significado como união entre iguais. Para o filósofo, tratou-se de uma estratégia política que visou separar cidadãos para impedir seu convívio e até mesmo incentivar rivalidades com o intuito de domesticar as sociedades. Esposito denomina esse tipo de comunidade deturpada de comunidade imunizada, já que incentiva que grupos que se considerem iguais se separem de outros, que passam a ser considerados como uma ameaça à sua existência. Por essa concepção distorcida, descartam-se os conflitos e impõe-se que todos devem ter os mesmos pensamentos e atitudes. Este conceito dialoga muito bem com o conto, pois coloca em jogo a amplitude de um pensamento que é imposto a todos e que é visto a todo o momento no conto, já que todos acreditam que para viverem bem deveriam se deixar levar pela massa, pois a morte se transforma em ameaça real, e, com isto, as pessoas se incluem em uma comunidade, excluindo assim os seus valores e esquecendo que sempre existe um indivíduo e nós. Como comenta Esposito: “Nosotros existimos indisociables de nuestra sociedad.”⁹ (ESPOSITO, 2009, p. 13).

Assim, vemos que a comunidade proposta pelo conto vive sobre este conceito, que é uma escolha e que não pode ser separada, pois se deve viver pela maioria. Porém, de acordo com Esposito, não se deve endeusar a comunidade e há que se vigilar pensamentos e atitudes monocórdios, pois isto é algo perigoso, já que uma comunidade necessita de conflitos e de opiniões distintas para sempre manter-se em diálogo. Além disso, Esposito diz que o conceito de que vivemos inseparáveis de nossa comunidade é insuficiente já que temos pontos de vistas e que não somos iguais, pois temos experiências, vivências e conhecimentos distintos: “La comunidad es un bien, un valor, una esencia que – según los casos – se puede perder y reencontrar como algo que nos perteneció en otro tiempo y que por eso podrá volver a pertenecernos”¹⁰ (ESPOSITO, 2009, p. 23).

⁸ [Minha mãe] me disse com voz muito grave: “Lembre-se disto, Moncho. Seu pai não era republicano. Seu pai não era amigo do prefeito. Seu pai não falava mal dos padres. E outra coisa muito importante, Moncho. Seu pai não presenteou o professor com um terno.” “Presenteou sim”. “Não, Moncho. Não presenteou. Entendeu bem? Não presenteou!” “Não, mamãe, Não presenteou”.

⁹ Nós existimos indissociáveis de nossa sociedade.

¹⁰ A comunidade é um bem, um valor, uma essência que – de acordo com cada caso – pode-se perder e reencontrar como algo que nos pertenceu em outro tempo e que por isso poderá voltar a nos pertencer.

A partir desta citação, podemos observar uma comunidade totalmente imunizada, que é a comunidade do conto estudado, pois ao compararmos as atitudes do professor e os valores que ele proporciona aos seus alunos podemos observar que não existe uma identidade fixa de algo e que pensar em comunidade na versão imunizada é algo perigoso, pois impede a experiência individual e subjetiva de cada um de poder sair de sua zona de conforto para ter, conseqüentemente, vivências diferentes com potência para transformar ou ampliar visões de mundo. Como no caso de Moncho, ao sair de seu lar, comandado por uma mãe superprotetora, e se inserir numa escola comandada pelos republicanos, aprende a admirar seu professor e ver valores na natureza e na existência. A atitude da sociedade, que, transformada pela presença dos fascistas, insulta e apedreja os presos políticos, fortalece a tirania do novo governo, o qual se potencializa por meio da debilidade decorrente da quebra de vínculos comunitários entre os cidadãos. Com isto, a ditadura incentiva que o próximo seja visto como uma ameaça, e a imunização torna-se patente, como mostra uma fala de Moncho, assustado com a mudança brusca: “Al día siguiente no me dejaron salir a la calle. Yo miraba por la ventana y todos los que pasaban me parecían sombras encogidas, como si de pronto cayera el invierno y el viento arrastrara a los gorriones de la Alameda como hojas secas.¹¹” (RIVAS, 2011, p. 36). Nesse momento, Moncho percebe que viverá um futuro assustador, pois tem plena consciência do que aquele regime terrível é capaz de fazer, uma vez que observa, atento e perspicaz, a degeneração de espírito de sua mãe, que ainda que por instinto de proteção à família, revela-se dissimulada e egoísta. Além da dessacralização da figura materna, o menino assiste à morte do que mais de belo o professor lhe ensinara a contemplar: a natureza. Aquela que então lhes servira de campo de aprendizagem e de convivência amena com os colegas, práticas incentivadas pelo professor, apresentava-se agora como um inverno tão rigoroso que não haveria mais espaço para a presença do belo, representada pelos pardais e seu canto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

RIVAS, Manuel. *¿Qué me quieres, amor?* Madrid: Santillana, 2011.

ESPOSITO, Roberto. *Comunidad, inmunidad y biopolítica*. Barcelona: Herder Editorial, 2009a.

¹¹ No dia seguinte não me deixaram sair na rua. Eu olhava pela janela e todos os que passavam me pareciam sombras encolhidas, como se de repente o inverno caísse e o vento arrastasse os pardais da Alameda como folhas secas.

